

## África: os alicerces de uma terra de esperança

*Emanuel Gomes\**

Há apenas algumas décadas atrás, o continente Africano encontrava-se sob domínio alheio. Durante séculos, o seu enorme potencial havia sido constringido e os inúmeros recursos disponíveis lentamente extorquidos para benefício, primeiramente, de outros.

Dentro deste contexto de supressão dos direitos pelo uso da força, surgem mentes jovens que ousam sonhar e desafiar o futuro predestinado. Encorajados pelo direito de autodeterminação dos povos e motivados pelo desejo de ver as suas terras e povos prosperarem, estes jovens ousam querer e agir para tomar posse de um direito revogado durante centenas de anos: África governada pelos africanos.

Este desejo foi crescendo um pouco por toda a parte e jovens oriundos das diversas partes do continente africano decidem preparar-se para a tarefa que se propunham levar a cabo – a libertação dos seus povos e a reconstrução das suas terras com base nos pilares de um mundo livre.

É neste quadro sociopolítico que estes jovens “sonhadores”, encontrando-se a estudar, na maior parte dos casos, em universidades europeias, dão início aos vários movimentos revolucionários de independência.

Este movimento, ainda que sendo majoritariamente constituído por jovens africanos, foi contando com o apoio solidário e altruísta de outros, que apesar de não serem de origem africana, eram verdadeiros amigos de África e defensores da justiça e dos direitos universais dos povos.

---

\* Coventry University, U.K.

É também neste contexto que o nosso estimado amigo e Mestre, o professor Fernando Mourão, na altura o jovem estudante de Direito na Universidade de Coimbra, se entrega de corpo e alma a apoiar a causa da liberdade e da independência.

Ainda que agora possamos, com um olhar retrospectivo, ver o valor da causa, na altura, somente os verdadeiros heróis tiveram a coragem de enveredar e sacrificar as suas vidas em prol da liberdade dos povos africanos. Após décadas de luta incessante e milhares e milhares de vidas sacrificadas pela causa da liberdade, finalmente, um após outro, os vários países africanos conseguem obter a sua independência.

Contudo, as guerras de independência e principalmente os vários séculos de ocupação e a exploração colonial, agravados pelas subseqüentes, e em vários países ainda prevalentes guerras civis, resultaram no escoamento de valiosos recursos naturais e humanos, na destruição econômica, nas divisões geopolíticas criadas artificialmente pelas potências europeias, nas confusões culturais e na subjugação política. Estes fatores contribuem, em grande parte, para os enormes problemas estruturais que a maior parte dos países africanos enfrenta em nível econômico, político, social e tecnológico.

Alguns dos críticos da descolonização usam estes argumentos para advogar que os países africanos estavam muito melhor antes de obterem a sua independência, contudo, esquecem-se de que o desenvolvimento é um processo de longo prazo que está dividido por fases, todas elas necessárias para um crescimento sustentável de longo prazo.

Se bem que seja comumente aceite que na generalidade o continente africano se encontra em um nível de desenvolvimento aquém dos outros continentes, o recente desenvolvimento econômico e o progresso realizado na área das instituições político-sociais levam a crer que, de fato, a autodeterminação dos povos é uma condição *sine qua non* para o verdadeiro desenvolvimento de cada nação.

O recente e contínuo desenvolvimento econômico de África é tal que o GDP *per capita* do continente é já semelhante ao de uma das maiores potências econômicas emergentes, a Índia, e de acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), entre 2004 e 2008, a África tem presenciado um crescimento econômico anual médio em termos de PIB, acima de 6%, sendo superior à taxa de crescimento de qualquer economia desenvolvida. O caso particular de Angola é, de fato, estonteante, uma vez que tem registrado ao longo dos últimos anos uma das mais elevadas taxas de crescimento em nível mundial.

África, com uma população total de cerca de 1 bilhão de habitantes e com o potencial de igualar a população da China dentro de algumas décadas, está a se tornar, cada vez mais, um mercado atrativo. De acordo com Vijay Mahajan, autor do livro *Africa Rising*, existe entre 50 a 150 milhões de consumidores pertencentes a uma elite econômica com poder de compra equiparável ao poder de compra das classes médias nos países ocidentais.<sup>1</sup>

O desenvolvimento da democracia e das instituições, a diminuição das guerras e a melhoria das infraestruturas em geral, têm sido fatores decisivos para a atração de Investimento Direto Estrangeiro (IDE) em África. De acordo com a OECD, o ano de 2006 representa um marco histórico no desenvolvimento do continente uma vez que o IDE, tendo quadruplicado desde 2000, atingiu o valor de U\$48 bilhões, valor este superior à ajuda externa recebida.<sup>2</sup>

O otimismo em relação ao futuro de África é manifesto por Paul Collier, professor de economia da Universidade de Oxford e por Ritme Schneidman, que aconselhou o presidente Barack Obama sobre assuntos africanos durante a sua campanha, afirmando que apesar de África ter estado até agora entre as regiões com pior desempenho econômico, irá, muito provavelmente, estar entre as regiões com melhor performance e tem o potencial de vir a oferecer a melhor Taxa de Retorno de Investimento (ROI).<sup>3</sup> Stephen Hayes, presidente do Corporate Council on África, partilha esta opinião afirmando que África oferece mais oportunidades que qualquer outro lugar do mundo. Contudo e sem querer fazer diminuir as expectativas e o otimismo de um futuro melhor para os povos africanos, é importante recordar que, todavia, existe um enorme caminho a percorrer na reconstrução e desenvolvimento dos países africanos. É também importante nunca esquecer o preço pago por todos aqueles que lutaram e sacrificaram as suas vidas e “liberdade” para os enormes sucessos alcançados até agora. Sem dúvida que o passado é passado e que o futuro constrói-se olhando para a frente. Contudo, e especialmente para as gerações mais novas e as gerações futuras, será sempre essencial entender que a construção de um futuro melhor passa sempre por uma compreensão das complexidades do presente e das lições aprendidas com a história passada.

<sup>1</sup> MAHAJAN, V. *Africa Rising: How 900 Million African consumers offer more than you think*, New Jersey: Pearson Prentice Hall, 2008.

<sup>2</sup> PERRY, A. (2009) *Africa, Business Destination*. Ver em: <[http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1884779\\_1884782\\_1884769,00.html](http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1884779_1884782_1884769,00.html)>

<sup>3</sup> SCHNEIDMAN, Witney and COLLIER, Paul (2009) *Africa: Sustaining Growth Will Challenge Governments*. Ver em: <<http://www.afrika.no/Detailed/17967.html>>

É neste âmbito que o professor Fernando Mourão, e outros heróis que juntamente com ele mudaram a nossa história e continuam a trabalhar no presente para construir um futuro melhor, tem sido, continua a ser e sempre será um marco de referência e uma fonte de inspiração, conhecimento e sabedoria, para mim e para todo aquele que quer contribuir ativamente para o bem do próximo e para uma África e um Mundo melhores.

Obrigado, professor Fernando Mourão. Que Deus muito o abençoe e à sua família e descendência. Que Deus abençoe África e os seus povos!

*Londres, U.K, Maio de 2011.*